

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: Panará 75

Data: 12/11/72 Pg.: _____

A ausência dos gigantes, um mistério

ESP 12/11/72

JOSÉ MARQUEIZ

Enviado Especial

O que disseram os kranhacãrore na última vez que apareceram na margem esquerda do rio Peixoto de Azevedo, falando alto, como se estivessem discursando? Estariam se despedindo, agradecendo os presentes ou advertindo que

qualquer avanço da expedição poderia acarretar o início de uma luta?

A estranha linguagem dos kranhacãrore se constitui na principal dúvida que intriga o experiente sertanista Claudio Villas Boas, que demonstra surpresa ante a longa ausência dos índios gigantes que, depois de surgirem repetidas vezes na outra margem do rio Peixoto de Azevedo para retirar presentes, não apareceram mais.

Angústia de não ser entendido

"Naquela manhã de 19 de outubro — lembra Claudio Villas Boas — eles falavam com tanta ênfase que, sem dúvida, devem ter tentado nos comunicar alguma coisa importante. Mas ninguém, nem mesmo os txukarramãe, que já lutaram com eles, entenderam suas palavras. Pode ser que os kranhacãrore estivessem agradecendo os presentes, como também se despedindo, avisando que iam se afastar do nosso acampamento e se fixar em aldeias mais distantes. Também pode ser que eles pediram que os deixassem em paz. É difícil, muito difícil, chegar a uma conclusão lógica e certa. O lógico e certo para um sertanista é aguardar que eles voltem. Não podemos forçá-los. A nossa arma agora é a paciência".

diz Claudio — pode ter surgido algum surto de doença na tribo no período em que eles aqui apareceram para buscar presentes e feito o pajé concluir que nós fomos os transmissores do mal. A prova de que os índios gigantes são supersticiosos foi revelada por eles próprios, que quebraram todos os espelhos que nos haviam deixado como presentes. Os kranhacãrore devem seguir o conceito de que os espelhos, por refletir sua imagem, rouba-lhe a alma".

estado de isolamento e independência em que vivem. Mas, a atração deles agora é sem dúvida nenhuma necessária, urgente até, a fim de que não venham, em condições desfavoráveis, a se relacionarem prematura e desastrosamente, com outras frentes que não estejam interessadas no seu destino".

Adianta que, depois de contatados, a FUNAI pretende "adotar uma medida protetora", criando uma ampla reserva na região onde vivem. "Se isso não for possível, achamos que a última solução, boa também, seria transferi-los para o Parque Nacional do Xingu".

OS ÚLTIMOS

O sertanista Claudio Villas Boas revela que os kranhacãrore talvez sejam os últimos índios brasileiros que ainda não entraram em contato com a civilização. Para ele, o contato, que está se tentando agora, se faz necessário porque sua região está sendo atingida por rodovias e pelos primeiros movimentos de ocupação civilizada. "Se não fossem essas condições novas surgidas em sua região, não viamos nenhuma necessidade, nenhuma vantagem — para eles, os índios — em tirá-los do

Os sertanistas Claudio e Orlando Villas Boas tiveram conhecimento da existência dos índios gigantes por volta de 1950, através dos índios Kaibiy e moradores do médio curso do rio Teles Pires. A primeira expedição de pacificação dos kranhacãrore foi realizada em 1968, mas não teve êxito por falta de apoio aéreo e também porque a frente de atração, no Xingu, estava muito distante de suas aldeias.

APERTO DE MÃO

A mão branca e firme de um homem franzino coloca colares na palma da mão preta de um jovem alto e forte. Depois, as duas mãos se juntam num aperto fraternal. Com esse gesto, simples entre os civilizados, o sertanista Claudio Villas Boas acredita que manterá o primeiro contato definitivo com os kranhacãrore, que dominam extensa floresta isolada no norte do Mato Grosso, nas proximidades dos rios Peixoto de Azevedo e Braço Norte.

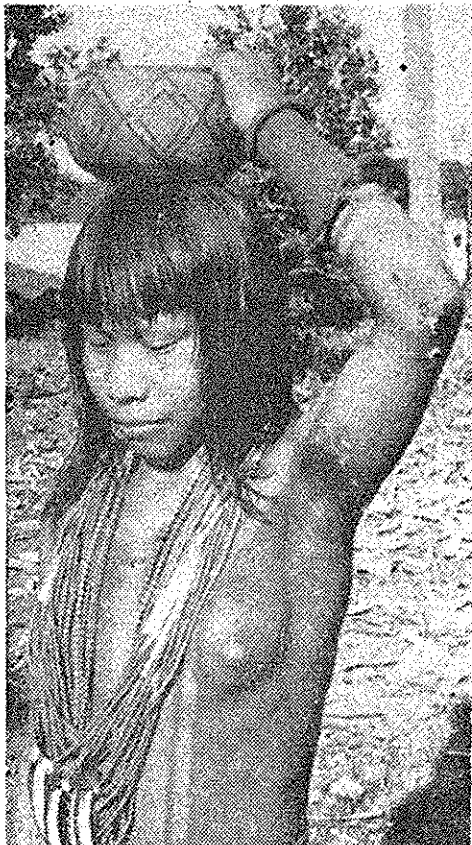
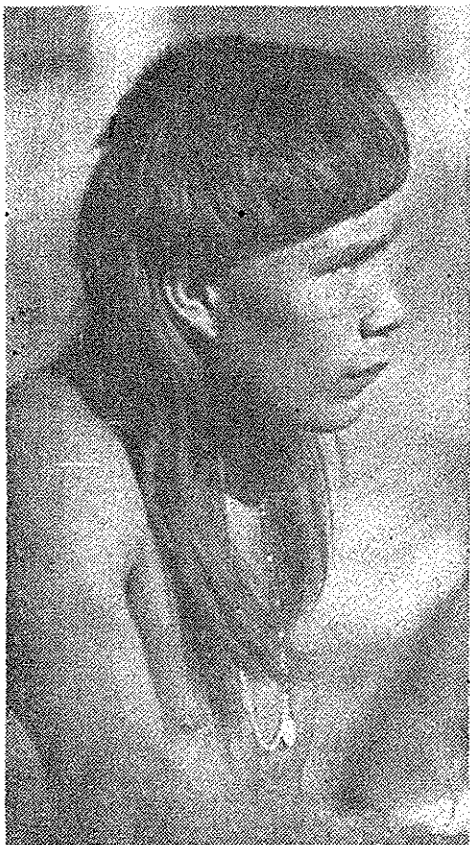
Mas esse contato, segundo Claudio, pode ser esta semana, como também daqui a vários meses. "Não podemos determinar um tempo quando se trata de um tipo de índio que sempre procurou se manter isolado, sem nunca ter contato, mesmo com outras tribos".

ULTIMA VEZ

A última aparição dos índios gigantes, na margem esquerda do rio Peixoto de Azevedo, ocorreu a 19 de outubro. Dessa vez, eles chegaram assobian-do, falando alto e gesticulando muito. Sem pressa, retiraram os presentes — colares, facões e machados — dependurados em um cordão e esperavam até a aproximação do sertanista Claudio Villas Boas. Depois desse dia, nunca mais voltaram.

Claudio tem uma série de motivos para justificar essa longa ausência dos kranhacãrore. Um deles, e a mais viável, é de que os índios gigantes tenham se fixado em uma aldeia mais distante e iniciado o plantio de suas lavouras, já que a época é a mais propícia para o desenvolvimento da agricultura na região.

Outro motivo que contribuiu para que os kranhacãrore não voltassem mais talvez esteja relacionado com suas crenças e superstições. "Infelizmente —



A demora dos gigantes e os direitos das índias, no folclore da selva